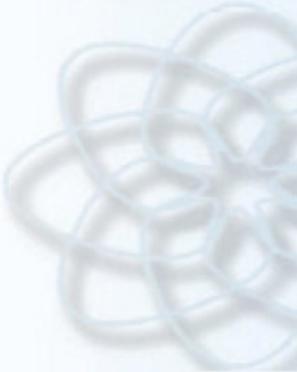


Teo
Lite
rária



Texto enviado em
02.04.2019

Aprovado em
18.08.2019

V. 11 - N. 23 - 2021

*Doutorando em Ciências da Religião -PUC Minas, Mestre PUC Minas, Especialista em Psicanálise FTU Vitória, Especialista em Docência e Gestão do ensino Superior PUC Minas, Especialista em Ciências da Religião FTU Vitória, Graduado em Teologia FTU Vitória. Contato: delmocei@gmail.com

Uma reflexão acerca da fé no imaginário religioso popular brasileiro a partir da música “Se Eu Quiser Falar com Deus” de Gilberto Gil

A reflection about the faith in the brazilian popular religious imaginary from the music “If I Want To Speak With God” by Gilberto Gil

**Delmo Gonçalves*

Resumo

O presente artigo busca refletir a fé com as riquezas do imaginário religioso brasileiro a partir da música, um de suas maiores expressões culturais na forma de construções poéticas. Através das músicas revelam-se as crenças e a religiosidade do Brasil neste caso especificamente a partir da música: “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil. Considerando a riqueza imaginária com que se serve a religiosidade brasileira, observa-se que a música popular brasileira, se serve de toda esta riqueza em grande escala, dialogando com toda uma riqueza disponível a fim de se aproximar e falar de perto com a sociedade. Assim, o artista se faz humano e crente, ser comum, e ao mesmo tempo se vê no popular revelando-o como tal. Busca-se neste refletir tal processo e, lendo a obra do compositor e cantor Gilberto Gil, sondar este imaginário religioso.

Palavras-chave: Reflexão. Imaginário. Religiosidade brasileira. Música.

Abstract

The present articles seeks to reflect faith with the riches of the Brazilian religious in the form of poetic constructions. Through the songs the beliefs and religiosity of Brazil are revealed in this case specifically from the song: "If I want to talk to God" by Gilberto Gil. Considering the imaginary richness the Brazilian religiosity is served, it is observed that Brazilian popular music uses all this wealth on a large scale, dialoguing with all available wealth in order to approach and talk closely with society. Thus, the artist becomes human and believer, being ordinary, and at the same time he sees himself in the popular revealing it as such. We look at this, reflect this process and, reading the work of the composer and singer Gilberto Gil, fathom this religious imaginary Brazilian Music.

Keywords: Reflection. Imaginary. Religious. Brazilian religiosity. Song.

Introdução

A música de um povo parte-se de sua cultura, suas prosas, seus costumes. O compositor busca suas inspirações na sua alma, na sua vida, que nada mais é que, a vida do seu próprio povo. Assim sendo, através das músicas encontramos verdadeiras poesias que revelam a fé, a crença, os hábitos e costumes de um povo. Quando um cantor registra a sua religiosidade da voz ao seu próprio povo e suas práticas religiosas. Logo, através das músicas de um povo identificamos seus símbolos, seus credos e suas vivências de demarcações com todos os seus elementos religiosos conforme veremos adiante.

1- Uma abordagem reflexiva sobre a religiosidade brasileira

Sabe-se que o brasileiro é marcadamente religioso, o que se é per-

cebido em todo o seu cotidiano. A religiosidade brasileira está preenchida por um imaginário que se estampa em todas as situações da sociedade, seja ofertada em seus ditados como, por exemplo: Pra descer todo santo ajuda, ou nas folclóricas frases dos para-choques de caminhões tão comuns e admiradas na cultura brasileira - Dirigido por mim, guiado por Deus – Peça à mãe que o Filho atende- Tá amarrado todo o mal, e em tantos outros elementos da brasilidade. O fato é que na religiosidade do povo brasileiro pode ser percebido um imaginário que o permite caminhar em proximidade em eventos que vão desde os esportivos até aos desfiles de escolas de samba em carnavais, o que a priori, deveria ser considerada uma festa profana.

De fato, a religiosidade brasileira é complexa. Ao que se percebe aceita e acomoda com certa facilidade vários campos religiosos o que não a torna frágil mesmo que popularizada, pois a religião popular enquanto prática social, não deve ser entendida como “[...] um conjunto de credences e práticas mágico-religiosas, mas ao contrário, constitui um sistema coerente e complexo de crenças e práticas do sagrado, combinadas com agentes e trocas de serviços” (BRANDÃO, 1985, p. 32), o que muitas vezes encontra sentido e coerência nas músicas populares brasileiras, representantes fiéis de toda esta religiosidade e todo o seu imaginário.

Cabe compreender que isto é possível, pois o popular tem seu sentido atrelado aos espaços sociais, onde seus agentes estão inseridos, o que nos leva a compreender esta mistura entre imaginário e religioso em todo o modo de ser da sua sociedade.

Conforme observa Vovelle (1985) quando nos depararmos com a religião popular, estamos lidando com um universo cultural dinâmico, não desvinculada de outras práticas culturais, onde as práticas culturais e religiosas locais influenciam e são influenciadas pela religião. De acordo com Cesar (1976) a definição de “popular”, encontra-se dentro de um campo de oposições e relações, revelando um dinamismo compreen-

dido a partir de uma abordagem dialética entre instituições e indivíduos que se relacionam no cotidiano de forma dinâmica estruturando o universo cultural. Nota-se que este sistema não é uma criação religiosa exclusiva do imaginário religioso brasileiro e seus setores populares, antes, retraduz para dentro desses setores o conhecimento e a prática erudita da religião dominante, no caso do Brasil, o Catolicismo Romano, a partir de uma relação com o universo social e simbólico destes. Na concepção de Chartier (1995) o “popular” qualifica um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que, circulam na sociedade, mas apresentam inúmeras maneiras de receber, compreender e manipular tais elementos. Logo, o popular como qualificador de um sistema de relações sociais intimamente ligados à ação cotidiana remete aos seus respectivos produtores, relacionando-os ao seu tempo social e espaço social.

Fica evidente que a lógica aludida acima atua no imaginário religioso brasileiro misturando os elementos católicos como sendo a religião dominante a outros tantos por assim dizer, oriundos de outras misturas socioculturais, sendo cantado e encantando a religiosidade brasileira, ao mesmo tempo promovendo e consolidando seu imaginário.

Não é possível evitar a o conceito de Durkheim (1988) quando este identifica que a religião é um produto eminentemente social, sendo as representações religiosas, representações coletivas, a religião transborda sobre as diversas formas de manifestações culturais conforme veremos na música “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil. A religiosidade brasileira parece ser cada vez mais aberta, desprovida de engessamentos, talvez uma atuação da globalização ou da democratização da informação. O certo é que, observa-se que o brasileiro continua sendo um povo religioso, no entanto, servido de uma religiosidade cada vez mais aberta onde se percebe muitas vezes um indivíduo se declarar de certa religião se apossar de elementos e ritos de outra religião sem culpa ou receio de estar ferindo seu credo e sua confissão.

2- O imaginário religioso brasileiro

Fica claro na percepção de Eliade (1979) que o símbolo, o mito e a imagem pertencem à substância da vida espiritual, e às vezes pode-se até camuflá-los, mutilá-los, decapitá-lo, mas nunca se pode extirpá-los. É essa valorização dada às imagens, a imaginação e o símbolo no pensamento religioso que abordaremos. O pensamento simbólico na visão de Eliade precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos têm o poder de revelar verdades secretas do ser transportando o ser humano e o condicionando em seu mundo para o mundo espiritual muito mais amplo. Sendo assim, o ambiente em que o homem está inserido é fator determinante para a construção do seu imaginário. Em se tratando do contexto religioso brasileiro podemos então perceber que toda a sua variedade e riqueza certamente vão possibilitar uma rica construção imaginária.

Em concordância com a perspectiva de Eliade, compreendemos que o imaginário religioso brasileiro como todo outro se serve de vasta gama já que a religião está para além das expressões racionais. Assim sendo, considerando que a religião é uma experiência que transcende as relações naturais, esta, remete sua experiência à ordem das manifestações, num processo de racionalização do homem religioso onde o sagrado se projeta nos objetos, fenômenos naturais e no espaço imaginário (Eliade 2001). Tal realidade manifestada coloca em oposição os limites do humano e do sagrado no corpo de um mesmo objeto ou em um mesmo espaço. Tudo isto faz com que a experiência do sagrado seja um elemento na estrutura da consciência do homem, onde se tem uma valorização simbólica desses elementos o que não descaracteriza o objeto em sua essência.

Dentro da ótica de Eliade o imaginário religioso pode sim se multiplicar, enriquecer e se fortalecer, já que, o pensamento simbólico contido nas religiões faz com que estas transcendem para fora do seu ambien-

te cultural em que estão inseridas. Assim sendo, torna compreensível o compartilhamento dos imaginários religiosos que não apenas se emprestam às várias religiões existentes no Brasil, mas também se misturam, transformam e se acrescentam uns aos outros por meio das várias expressões culturais em que os brasileiros se encontram. De fato, o imaginário religioso brasileiro é mutante e dinâmico. Vejamos o exemplo na reflexão da música “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil.

3- a fé no imaginário popular brasileiro na música “Se Eu Quiser Falar com Deus” de Gilberto Gil

Encontramos no cantor e compositor Gilbert Gil uma das maiores e significativas expressões da cultura brasileira. Segundo o próprio artista: “Eu soube que a música era minha linguagem, mesmo. Que a música ia me levar a conhecer o mundo, ia me levar a outras terras. Porque eu achava que tinha a música da terra e a música do céu”. (GIL, s.d.)

O cantor e compositor Gilberto Passos Gil Moreira, baiano, de Salvador, iniciou sua carreira nos anos 50. Em 1963 conheceu o amigo Caetano Veloso, na Universidade da Bahia, iniciando sua maior parceria, e um movimento que contemplou e internacionalizou a música, o cinema, as artes plásticas, o teatro e toda a arte brasileira, a chamada *Tropicália*. Foi exilado em Londres. Em 2002, foi nomeado Ministro da Cultura, quando passou também a circular pelo universo sociopolítico, ambiental e cultural internacional. Suas múltiplas atividades são reconhecidas por várias nações que já o nomearam entre outros, de Artista da Paz pela UNESCO em 1999, Embaixador da FAO, além de condecorações e prêmios diversos, como *Légion d’Honneur* da França, *Sweden’s Polar Music Prize*, entre outros.

Gilberto Gil como é conhecido artisticamente sempre cantou o cotidiano do povo brasileiro e particularmente na música “Se eu quiser falar com Deus” expressa uma visão religiosa impregnada de um imaginário interessante e revelador.

Segundo relatos do próprio autor, a música “Se eu quiser falar com Deus” foi concebida para atender a um pedido do cantor Roberto Carlos. O que podemos ver na nota que se segue:

O Roberto me pediu uma canção; do que eu vou falar? Ele é tão religioso - e se eu quiser falar de Deus? E se eu quiser falar de falar com Deus? Dei início a uma exaustiva enumeração: “Se eu quiser falar com Deus, tenho que isso, que aquilo, que aquilo outro”. E saí. À noite voltei e organizei as frases em três estrofes. O que chegou a mim como tendo sido a reação dele, Roberto Carlos, foi que ele disse que aquela não era a ideia de Deus que ele tem. “O Deus desconhecido”. Ali, a configuração não é a de um Deus nítido, com um perfil claro, definido. A canção (mais filosófica, nesse sentido, do que religiosa) não é necessariamente sobre um Deus, mas sobre a realidade última; o vazio de Deus: o vazio-Deus.” (GIL, 2017).

De fato, conforma a nota acima, o cantor traz à tona uma religiosidade bastante inclusiva, numa perspectiva ecumênica onde ao que se parece deus é para todos, o que lhe permite conceder espaço comum para religiosidades, algo com uma cara bem brasileira, que vai muito além das religiões professadas pela maioria da sociedade como as religiosidades indígenas, orientais e afro-brasileiras. Nesta perspectiva o autor faz nascer uma espécie de apologia à comunicação com Deus, com ou sem a intermediação, sem instituição religiosa, apenas o “eu” e “deus”. Tal comunicação/relação exige apenas o reconhecimento da distinção radical entre o divino e o humano além do abandono de si mesmo e a passagem pela dor, uma devoção, um esvaziamento pleno diante do divino. Vejamos na letra da música:

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata

Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus
Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lambar o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração
Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar (GIL, 1981).

Ao refletir a música de Gilberto Gil, somos levados a talvez observar uma síntese da religiosidade brasileira. Para tal vamos refletir estrofe por estrofe.

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz

Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus (GIL, 1981).

Nesta estrofe o olhar é para dentro de si. O mundo inclusivo toma conta do agente que busca falar com Deus. É preciso um olhar interior que busca um esvaziamento de si (ficar a sós, apagar a luz, calar a voz, encontrar a paz, folgar os nós). O olhar é interior, de alguém que se silencia diante do divino. Aqui deus é acessível para aquele que se esvazia.

Mas também há uma relação com o mundo já que o ser humano é um ser no mundo (tenho que: esquecer as datas, perder a conta, ter mãos vazias, a alma e o corpo nus), aqui parece que deus é para todos, o que lhe permite conceder no achego a deus espaço comum para religiosidades, algo com uma cara bem brasileira, que vai muito além das religiões professadas pela maioria da sociedade como as religiosidades indígenas, orientais e afro-brasileiras. Basta se esvaziar agora do mundo. Não se encontra um deus refém das instituições, mas livre para os seres humanos que conseguem se desprender do mundo. A segunda estrofe desenha outra possibilidade dialogal com deus conforme veremos.

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lambar o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração (GIL, 1981).

Refletindo a segunda estrofe encontramos um flagelo, ao que parece, busca mostrar a condição humana diante do divino (tenho que aceitar a dor, comer o pão que o diabo amaçou, virar um cão, lambe o chão). Parece que o autor de certa forma dialoga com as penitências católicas que ultrajam e punem o indivíduo que apesar de tudo isto, humilhado e acuado “tem que alegrar seu coração”. Já na terceira estrofe a reflexão nos direciona para uma lógica filosófica que aponta para uma expectativa humana que destoa da perspectiva divina. Vejamos:

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar (GIL, 1981).

O autor aponta para uma fé que exige ousadia (tenho que me aventurar, sem cordas para segurar, dizer adeus, dar as costas, decidido, pela estrada). A fé é apresentada como um olhar para frente. No entanto, “esta estrada ao findar vai dar em nada, nada do que pensava”. Ao terminar o autor entende que a fé é surpreendente e como tal apresenta no fim de tudo nada do que se espera encontrar.

Considerações finais

A religiosidade brasileira possui um farto imaginário. Servido de muitos simbolismos que se misturam e se separam o tempo todo. Encontramos no Brasil uma religiosidade que se permite transitar com facilidade numa mistura que poderia chamar de brasilidade religiosa. De fato, a religiosidade brasileira ao que se observa vive e se interpreta

numa cultura que mistura tantas outras, e por isto, vai criando e se re-criando, através de suas músicas que hora se permite ser verdadeiras orações ou rezas. Na música “Se eu quiser falar com deus” Gilberto Gil, faz uma verdadeira expressão poética que nos permite encontrar as duas coisas, um simbolismo riquíssimo e uma poesia maravilhosa de vivência introspectiva da reverência do brasileiro. Mas acima de tudo revela a grande capacidade do brasileiro de olhar para deus firmando cada vez mais sua religiosidade, embora ainda esteja refém de uma relação com o sofrimento o que fomenta um imaginário que lhe permita esvaziamento e humanidade.

Referências

- ANTONIAZZI, Pe. Alberto. *As Religiões no Brasil segundo o Censo de 2000*. REVER – Revista de Estudos da Religião, n. 2, 2003. p. 75-80.
- BACZKO, Bronislaw. *A Imaginação Social*. Enciclopédia EINAUDI. vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARROS, Manuel de Souza. *Arte, Folclore, Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola: Os Rituais Religiosos do Catolicismo Popular em São Paulo e em Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memórias do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CESAR, Waldo. *O que é “Popular” no Catolicismo Popular*. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, fascículo 141, março de 1976.
- CHARTIER, Roger. *“Cultura Popular”: revisitando um conceito histórico-gráfico*. Estudos Históricos, vol. 8, n. 16. Rio de Janeiro, 1995.
- DURKHEIM, Emile. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GIL, Gilberto. *Bio*. s.d. Disponível em: <https://gilbertogil.com.br/bio/gilberto-gil/>. Acesso 22 mar. 2021.

- GIL, Gilberto. *Se eu quiser falar com Deus*. In Álbum Luar de 1981. <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/16134/>. Acesso 19 fev. 2019.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- PROTA, Leonardo & VÉLEZ RODRÍGUES, Ricardo. Aproximação Transcendental a Vivência Religiosa. In: *Religião*. Londrina: Eduel, 1997.
- ROCHA, Rose M. *Morin e Flusser: a teoria da imagem como aventura antropológica e matemática imaginária*. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 25, p. 74-84, jun. 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile>. Acessado em 19 de fevereiro de 2019, as 22:00 hs.
- SANCHIS, Pierre. Problemas na análise do campo religioso contemporâneo. In: MARIN, José Roberto (org.). *Religiões, religiosidades e diferenças culturais*. Campo Grande: UCDB editora, 2005.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WEBER, Max. *Sociologia de la Religion*. 1999. http://www.4shared.com/file/34461679/b5472387/max_weber_-_sociologia_de_la_religion.html?s=1 [acesso em 15 de agosto de 2007].
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.